

RELAÇÕES E VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INTERAÇÕES E CONTEXTOS

Vitória Rodrigues Araújo¹
Stella Sanches de Oliveira Silva²

Eixo 3 - Profissionalidade Docente

Resumo: O presente texto apresenta reflexões sobre práticas e interações de crianças na educação infantil, centrando-se na relação estabelecida entre crianças e adultos no cotidiano de um Centro de Educação Infantil, em Campo Grande, MS, locus de minha experiência como estagiária. O trabalho está fundamentado nas contribuições teórico-práticas das abordagens de Pikler-Lóczy e de Reggio Emilia. Nesse sentido, depreende-se que as relações estabelecidas entre crianças e adultos na Educação Infantil são como encontros, um sujeito marca a vida e as atitudes do outro.

Palavras-chave: Escuta sensível, Interações, Educação Infantil.

Introdução

A Educação Infantil é um campo repleto de nuances e complexidades, onde as interações entre adultos e crianças desempenham um papel fundamental no desenvolvimento integral dos pequenos. Entre os diversos conceitos teóricos que buscam elucidar essas dinâmicas, a abordagem do Instituto Lóczy e de Loris Malaguzzi, de Reggio Emilia se destacam por sua ênfase na importância do respeito e da liberdade na relação educativa.

Esse artigo tem como base as vivências na Educação Infantil, com foco nas relações que são estabelecidas entre os adultos e crianças ao longo do processo educativo. Assim, exploraremos como essas interações, fundamentadas em um respeito mútuo e na confiança, podem enriquecer a prática educativa e contribuir para um ambiente de aprendizado mais saudável e estimulante.

A perspectiva pikleriana propõe que a maneira como adultos se relacionam com as crianças influencia diretamente suas capacidades de autonomia, confiança e segurança emocional. Emmi Pikler, médica pediatra húngara, desenvolveu sua metodologia a partir de observações cuidadosas sobre o desenvolvimento infantil. Um dos pilares de sua abordagem é a valorização do movimento livre e da exploração autônoma.

Ao contrário de métodos tradicionais que enfatizam a intervenção constante dos adultos, Pikler defendeu que as crianças deviam ter a oportunidade de explorar o ambiente de forma independente, o que só seria possível quando os adultos adotassem uma postura de observação e apoio (Falk, 2018). Pikler compreende que esse respeito pela autonomia infantil permite que as crianças se sintam seguras para experimentar e aprender, desenvolvendo não apenas habilidades motoras, mas também sociais e emocionais (Falk, 2018).

¹Acadêmica do curso de Pedagogia/Faed da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

O modelo educativo de Reggio Emilia, originado na Itália após a Segunda Guerra Mundial, se destaca por também ser uma abordagem inovadora e respeitosa, que valoriza a criança como protagonista de sua aprendizagem. Nessa perspectiva, a relação entre educadores e crianças transcende a mera transmissão de conhecimentos, configurando-se como um espaço de diálogo, escuta e co-construção de saberes.

A filosofia de Reggio Emilia parte do princípio de que as crianças são portadoras de capacidades e potencialidades imensas. Isso implica em um reconhecimento da criança como um ser ativo, curioso e competente, capaz de explorar o mundo ao seu redor de maneira significativa. Nesse sentido, os educadores assumem um papel de facilitadores e parceiros no processo educativo. A interação entre adultos e crianças é pautada pelo respeito, pela observação atenta e pela criação de um ambiente que estimule a investigação e a expressão. Dessa forma, a relação educativa se torna um espaço rico em possibilidades, onde o aprendizado é um processo colaborativo e contínuo.

Essas abordagens propõem uma ressignificação do papel do educador, que deve ser um observador atento, capaz de reconhecer as necessidades das crianças e intervir de forma adequada e comedida, promovendo momentos de interação que respeitem a individualidade e a liberdade de cada pequeno. Os adultos são vistos como mediadores do aprendizado, responsáveis por criar um ambiente rico em estímulos, mas que respeite o ritmo e os interesses individuais de cada criança.

A metodologia deste trabalho baseou-se em uma revisão aprofundada da literatura sobre as abordagens Pikler e Reggio Emilia, assim como em textos que discutem a primeira infância e as dinâmicas de interação entre adultos e crianças na educação infantil. Para enriquecer a análise, foram utilizados livros e artigos que abordam especificamente a relação pedagógica entre educadores e os pequenos, oferecendo um embasamento teórico robusto para as reflexões apresentadas. Além disso, a pesquisa incorporou a análise do caderno de campo utilizado durante o estágio na turma de bebês, que inicialmente servia como um registro pessoal das vivências e da implementação das abordagens pedagógicas do Centro de Educação Infantil (CEI), mas que posteriormente se transformou em uma fonte primária para a construção deste artigo.

Os cadernos de registros das turmas de bebês de 2022 e 2023 foram fundamentais na coleta de dados. Esses documentos, obrigatoriamente preenchidos pelas educadoras e assistentes, continham relatos detalhados do cotidiano das crianças, enfatizando as conquistas, desafios de adaptação e momentos significativos de interação. Ao longo do dia, a equipe da manhã registrava suas observações, permitindo que a equipe da tarde tivesse acesso a um histórico contínuo das experiências diárias, o que favorecia uma transição fluida e o acompanhamento do desenvolvimento individual de cada bebê. Os relatos não se restringiam a ocorrências e acidentes, mas buscavam capturar a "cotidianidade" das crianças, refletindo sobre suas interações, diálogos e descobertas.

Adicionalmente, foi realizada uma análise das documentações pedagógicas produzidas durante os anos de 2022 e 2023. No contexto do CEI, a documentação assume um papel central na visibilização das experiências infantis, não apenas para as crianças, mas também para a comunidade escolar e as famílias. Os registros eram expostos nas paredes da instituição e compilados em materiais que serviam tanto para reflexão sobre a prática pedagógica quanto para arquivo e consulta futura. Essa prática de documentação se configura como uma ferramenta essencial para a formação contínua dos educadores, permitindo um olhar crítico sobre as interações e propostas pedagógicas, contribuindo assim para o aprimoramento da prática pedagógica.

Este artigo está estruturado em três seções: a primeira seção apresenta um breve relato sobre restabelecimento do Cei, a formação da equipe pedagógica e a chegada da turma de bebês com foco nas dinâmicas de acolhimento e os desafios enfrentados nesse processo; a segunda seção analisa as abordagens pedagógicas adotadas e os materiais disponibilizados pelo CEI, enfatizando a importância da documentação pedagógica como ferramenta de visibilidade e reflexão da criança e da professora; por fim, a última seção apresenta as considerações finais, resumindo os principais achados da pesquisa e as implicações para a prática educativa na educação infantil.

O restabelecimento do Cei e a chegada dos bebês

Após um período de dois anos em que esteve fechado, o Centro de Educação Infantil Detran foi reaberto sob uma nova gestão e abordagem pedagógica. Em junho de 2022, a nova equipe se reuniu para organizar os espaços e realizar formações, considerando que a abordagem proposta era novidade para todos os membros da equipe. Durante quinze dias, foram oferecidas capacitações antes da recepção das crianças, nas quais foram abordados aspectos da nova proposta pedagógica, bem como temas relacionados ao acolhimento na primeira infância.

A chegada das crianças durante este período foi marcada por intensa agitação. Inicialmente, não havia bebês com menos de um ano, mas, mesmo assim, houve um significativo número de choros. Devido à composição numerosa da equipe, vários profissionais de outras turmas foram convocados para prestar apoio durante o período de adaptação.

Durante essa fase, as educadoras responsáveis pela sala acolhiam as crianças na chegada, acompanhadas por seus pais. Quando um bebê continuava a chorar por um período prolongado, uma educadora se dirigia à área externa com a criança, a fim de distraí-la com outras atividades e evitar agitações nas demais crianças da turma. No entanto, em algumas situações, a saída das educadoras da sala não era viável; nessas ocasiões, outros adultos de diferentes turmas ou até mesmo da coordenação intervinham para acolher a criança que se encontrava desestabilizada.

Os primeiros meses de adaptação foram caracterizados por uma intensa agitação, evidenciada pelo choro de alguns bebês, que persistiu durante um mês inteiro. Como resultado, frequentemente havia uma educadora a menos na turma, dedicada ao atendimento individualizado das crianças em adaptação.

Neste período, as propostas educativas foram predominantemente realizadas de forma coletiva, uma vez que as educadoras ainda não haviam se aprofundado na abordagem pedagógica preconizada pela gestão do Centro de Educação Infantil, a qual valoriza um atendimento individualizado em diversos momentos da rotina dos bebês. As refeições eram oferecidas na sala ou no solário de maneira coletiva, refletindo a necessidade de adaptação ao novo contexto.

Durante esses primeiros meses, tornou-se evidente que os adultos da turma assumiam o papel de protagonistas nas atividades propostas, resultando em uma escuta e observação limitadas. A busca por resultados tangíveis prevalecia, enquanto a vivência das crianças, a escuta atenta e cuidadosa — que deveriam ser prioritárias — ficava em segundo plano.

No entanto, esse período foi crucial para a construção de vínculos com as crianças e suas famílias. Observou-se que os momentos musicais eram particularmente apreciados, proporcionando calma e interação entre as educadoras e os bebês. À medida que a turma se tornava relativamente tranquila, novas crianças começaram a ingressar, incluindo bebês com menos de um ano. Essa situação exigiu uma nova abordagem de acolhimento, pois os bebês mais velhos demonstravam ciúmes em relação aos mais

novos.

Diante dessa dinâmica, as professoras, em colaboração com a equipe de coordenação, identificaram a necessidade de criar uma turma, considerando não apenas as diferenças etárias, mas também o número expressivo de crianças. Assim, a turma de bebês foi dividida: na turma 1A permaneceram os bebês que ainda não andavam, com idades de 0 a 1 ano e 6 meses, enquanto na turma 1B foram alocados os bebês que já caminhavam, com idades de 1 ano e 6 meses a 2 anos.

Para a coordenação e a professora regente, essa divisão foi necessária, uma vez que as crianças mais velhas experimentaram um significativo salto no desenvolvimento. Contudo, ao longo do ano letivo, as crianças continuaram a ser percebidas de forma coletiva, sendo que o único momento de atenção à sua subjetividade ocorria durante o banho, que, ainda assim, não era realizado com a calma e o diálogo que se tornariam práticas nos anos seguintes.

Gradualmente, as crianças começaram a estabelecer laços entre si, e a maioria delas passou a oralizar e criar vínculos com suas educadoras. À medida que o final do ano se aproximava, as educadoras tornaram-se mais receptivas à oralização das crianças. No entanto, ainda considero que houve falhas na escuta, uma vez que interagíamos com as crianças mais para repreendê-las do que com a intenção de dialogar. As interações eram predominantemente coletivas, com pouca atenção ao atendimento individual, exceto nos momentos de troca e banho. Assim, acredito que o principal aprendizado de 2022 foi a importância de ouvir para além das palavras.

O divisor de águas de uma prática educativa sensível e respeitosa

No ano de 2023, a equipe pedagógica do CEI consolidou-se, passando por um processo de formação que incluiu não apenas a equipe gestora, mas também especialistas de diferentes estados. Durante esse período, foi notável o avanço no desenvolvimento das interações entre adultos e crianças. Embora o processo de adaptação tenha se mostrado longo, ele foi menos angustiante em comparação ao ano anterior, uma vez que os educadores estavam melhor preparados para acolher as crianças e suas famílias.

Após diversas formações, a equipe responsável pela sala de bebês chegou a um consenso sobre a inadequação de permitir que adultos de outras turmas ou da gestão interagissem com as crianças logo nos primeiros dias. Essa decisão baseou-se na compreensão de que era fundamental que os educadores responsáveis acolhessem e acalmassem os bebês. Outro avanço significativo foi a decisão de não retirar as crianças que choravam da sala, reconhecendo que parte do choro se devia à falta de familiaridade com o novo ambiente. Nesse sentido, preparamos um espaço no solário, onde as crianças que não apresentavam dificuldade nas despedidas com os pais poderiam se sentir mais confortáveis.

No início do ano, observou-se um aumento considerável no número de bebês na turma em relação ao ano anterior, sendo que nenhum deles já caminhava, o que resultava em uma dependência significativa dos adultos para a locomoção. Esse cenário proporcionou a oportunidade de implementar práticas recomendadas pela abordagem Reggio Emilia. As refeições passaram a ser oferecidas de forma individual, em que os bebês eram alimentados no colo dos educadores, promovendo momentos de diálogo e conexão. Esse processo foi especialmente importante, uma vez que muitos bebês estavam iniciando a introdução alimentar.

Um aspecto distintivo de 2023 foi a busca teórica contínua para aprimorar as práticas pedagógicas. Um caso emblemático foi o da bebê de nome fictício Alice, cuja adaptação se revelou desafiadora. Embora não tenha chorado no primeiro dia, sua

jornada nos trinta dias seguintes foi marcada por episódios de choro constante. A partir dessa experiência, compreendemos a necessidade de conhecê-la profundamente, mesmo diante de suas expressões emocionais. Um aprendizado valioso foi a percepção de que, muitas vezes, o período de adaptação é mais difícil para os pais do que para os bebês. A insegurança dos adultos pode, de fato, refletir na experiência das crianças, criando um ciclo de desestabilização emocional.

Alice, como muitas crianças, começou sua trajetória no CEI frequentando apenas meio período. Sua despedida dos pais era repleta de lágrimas e a educadora tentava acalmá-la de diversas maneiras, embora com pouco sucesso. Após várias tentativas de interação, a educadora optou por levá-la para um passeio pelo CEI, visando ajudá-la a relaxar. Durante esse passeio, descobrimos uma rede que se tornou um recurso valioso. Ao colocá-la na rede e cantar canções de ninar, Alice finalmente conseguiu adormecer. A partir desse momento, a rede tornou-se um elemento essencial em sua rotina, permitindo-nos conhecer suas necessidades e criar um ambiente mais seguro para seu desenvolvimento.

O caso de Alice também nos levou a reconfigurar a sala, trazendo a rede para o solário e posteriormente instalando duas redes na sala referência, uma vez que outros bebês também demonstraram a necessidade desse recurso. Alice apresentava particularidades, como a celiaca, o que exigia um cuidado individualizado em sua alimentação. Sua adaptação foi significativamente impactada pela confiança que sua mãe começou a depositar na equipe, evidenciando o que foi apontado por Ortiz e Carvalho (2012) que entre as condições de cuidados recebidos pelas crianças deveriam incluir a disponibilidade emocional da mãe, que de certa forma, precisa “autorizar” a criança a ficar nesse novo ambiente. Sendo assim, a importância da comunicação entre pais e educadores para o sucesso do processo de adaptação é indispensável.

Outro exemplo significativo foi o de José, que passou por uma adaptação igualmente desafiadora. Ao chegar no CEI em março, José, o filho mais novo de três irmãos, teve um processo de adaptação prolongado, evidenciando a singularidade de cada criança. Durante a primeira semana, ele ficou apenas pela manhã e, ao longo do mês, chorou incessantemente. A experiência com José reforçou a compreensão de que não existe uma abordagem única para acolher crianças; cada uma demanda um tipo específico de atenção. Ao longo desse processo, estabelecemos uma relação de referência, o que se revelou crucial para sua adaptação e conforto.

A interação contínua entre educadores e crianças permitiu a construção de vínculos afetivos profundos. Observou-se que José apresentava um comportamento diferente quando estava sob a supervisão da educadora que se tornou sua referência. Essa experiência não apenas reforçou a necessidade de adultos referência, mas também indicou que esses vínculos devem ser cultivados com sensibilidade, evitando uma dependência emocional excessiva.

Durante 2023, a equipe de educadores avançou consideravelmente em sua prática, estabelecendo relações mais horizontais com as crianças e promovendo um ambiente no qual a interação e o diálogo eram prioritários. A observação das interações entre os bebês revelou sua crescente autonomia, culminando em um processo de refeições coletivas, onde os bebês começaram a organizar-se de maneira natural. Este fenômeno evidenciou a empatia inata das crianças e destacou a evolução das práticas pedagógicas ao longo do ano.

Concluimos que o ano de 2023 foi fundamental para o crescimento profissional e pessoal de todos os educadores envolvidos. A prática pedagógica foi enriquecida pela reflexão contínua e pelo diálogo respeitoso com os bebês, permitindo que os educadores se tornassem não apenas transmissores de conhecimento, mas verdadeiros facilitadores

do desenvolvimento infantil.

As relações entre adultos e crianças no Centro de Educação Infantil (CEI), especialmente na sala de bebês onde permaneci por um período mais prolongado, caracterizavam-se por uma abordagem horizontal, estabelecendo uma parceria efetiva com as famílias. Essas relações eram permeadas por um forte afeto, com as educadoras demonstrando um profundo conhecimento sobre cada criança, reconhecendo suas singularidades e necessidades individuais.

Uma importante lição que extraí dessa experiência é a compreensão de que, embora a escola seja um espaço coletivo repleto de interações, é fundamental criar condições que respeitem e atendam à singularidade de cada criança. Durante meu trabalho no CEI, percebi que, além de ser necessário, é plenamente viável considerar as crianças de forma individual, mesmo em um contexto com um número significativo de alunos. Essa abordagem não apenas enriquece a experiência educativa, mas também contribui para o desenvolvimento integral de cada criança.

O presente relato se baseia nos registros escritos sobre a turma de bebês de 2022, após a recente divisão em duas turmas: 1A e 1B. A revisão dos cadernos de observação revelou registros detalhados das brincadeiras e das interações entre adultos e crianças, incluindo diálogos que ocorreram durante o momento do banho, onde uma criança relatou uma experiência de agressão.

Esses registros evidenciam uma prática educativa que valoriza a individualidade de cada criança, pois as educadoras documentam, diariamente, as explorações e interações de todas as crianças.

Ortiz e Carvalho (2012, p. 37) afirmam que

[...] na compreensão e definição do espaço creche, compartilhamos da visão de que é possível promover um atendimento de qualidade em seus vários aspectos, concebendo a creche como, além de provedora, espaço de desenvolvimento, socialização e aprendizagem – e espaço de formação psíquica de cada sujeito. Embora haja um discurso coletivo que leva a uma visão não particular da criança, quando se fala “os bebês são todos assim”, é possível haver na creche, uma caracterização dos bebês enquanto seres únicos, ou seja, a constatação de “cada um é cada um” com seu mundo subjetivo e específico.

Sendo assim, o foco na singularidade das experiências infantis demonstra um compromisso com uma abordagem que reconhece e valoriza as expressões individuais.

Além disso, destaca-se a observação do comportamento das educadoras diante das manifestações de negação por parte das crianças. Um exemplo significativo ocorreu durante o banho, quando uma educadora respeitou o “não” de uma criança ao se recusar a participar da atividade. Nesse momento, a educadora estabeleceu um acordo, indicando que a próxima criança a ser atendida seria ela. Essa atitude não apenas reafirma a autonomia da criança, mas também contribui para a construção de um ambiente de respeito e confiança. Goldschmied e Jackson (2006, p. 130) ressaltam que

[...] como adultos, aprendemos a passar rapidamente de uma situação para outra, e desenvolvemos uma habilidade para fazê-lo, mesmo que não tenhamos vontade de trocar. As crianças não conseguem trocar de marcha desse jeito, e devemos dar-lhes tempo para que se adaptem e compreendam o que queremos que eles façam.

Por fim, a prática das educadoras, ao olhar atentamente para cada criança nas diferentes vivências propostas, reflete uma pedagogia que prioriza a escuta e a

observação como ferramentas fundamentais no processo educativo. Essa abordagem possibilita que as educadoras ajustem suas intervenções às necessidades e interesses de cada criança, promovendo um ambiente de aprendizagem mais rico e respeitoso. Assim, conclui-se que a valorização da subjetividade infantil e o respeito às manifestações individuais são essenciais para o desenvolvimento integral das crianças no contexto da Educação Infantil.

Considerações Finais

O presente artigo trouxe à luz a relevância das interações entre adultos e crianças no contexto da educação infantil, destacando a importância de uma abordagem respeitosa e sensível às necessidades individuais dos pequenos. A experiência no Centro de Educação Infantil Claudete de Oliveira da Vera Cruz, especialmente durante os anos de 2022 e 2023, evidenciou que, embora o acolhimento de crianças em um novo ambiente possa ser desafiador, o fortalecimento das relações e da formação contínua dos educadores podem contribuir para a construção de um espaço educativo enriquecedor.

As reflexões sobre as práticas educativas, ancoradas nas abordagens Pikler e de Reggio Emilia, mostraram como a observação cuidadosa e o respeito à autonomia infantil são fundamentais para promover um ambiente de aprendizagem saudável. Ao priorizar momentos de interação e diálogo, especialmente durante atividades significativas como as refeições, conseguimos fomentar vínculos afetivos que são essenciais para o desenvolvimento emocional e social das crianças.

Observou-se que as mudanças na prática docente, promovidas por uma formação contínua e por uma postura mais atenta às singularidades de cada criança, foram cruciais para criar um ambiente mais acolhedor e seguro. O caso de crianças como Alice e José ilustra a importância de um atendimento individualizado e da construção de referências afetivas que ajudam na adaptação e no desenvolvimento da confiança.

Assim, conclui-se que a Educação Infantil deve ser um espaço onde as crianças se sintam valorizadas e respeitadas em sua individualidade. A escuta ativa e a capacidade de dialogar com as crianças e suas famílias são essenciais para o sucesso do processo educativo. Em última análise, as relações estabelecidas no CEI nos mostram que, ao reconhecermos e valorizarmos as particularidades de cada criança, estamos não apenas enriquecendo suas experiências, mas também contribuindo para o fortalecimento de uma Educação Infantil verdadeiramente inclusiva e transformadora.

Referências

- CARVALHO, Ana M. A.; PEDROSA, Maria Isabel; FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. **Aprendendo com a criança de zero a seis anos**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FALK, Judite. (org.) **Educar os três primeiros anos: a experiência Pikler-Lóczy**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia, **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. **Interações: ser professor de bebês - cuidar, educar e brincar, uma única ação**. 2. ed. São Paulo: Blucher 2012.